



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

ENSINO DE GRAMÁTICA: CONCEPÇÕES DO PROFESSOR DE PORTUGUÊS

Francisco Rafael Mota de Sousa

Secretaria de Educação do Estado do Ceará - SEDUC
rafael.motta@hotmail.com

Este trabalho trata sobre a influência que o ensino gramatical possui nas aulas de português, bem como dos problemas advindos de práticas guiadas por uma postura pedagógico-prescritiva. Isso porque, tendo em vista a imensa divulgação de teorias acerca da linguagem e do ensino de português nas escolas, ainda se observam nas aulas de língua materna atividades metalinguísticas que não contribuem em nada para a construção de um sujeito ativo linguisticamente. Assim, busca-se compreender qual a concepção que o professor de língua portuguesa possui atualmente sobre o que seja gramática, qual a sua importância e como ele concebe o seu ensino em sala de aula. Para isso, realizou-se uma pesquisa de campo, através da aplicação de um questionário para 68 professores do município de Itapipoca, Ceará, na tentativa de compreender quais opiniões os docentes de língua possuem hoje a respeito da gramática e do seu ensino. Verificou-se que grande parte dos professores defende o ensino de gramática, apesar de serem conscientes de que este ensino deve ser contextualizado. Essa consciência, porém, não impede que a maior parte dos professores entrevistados realizem atividades em que o ensino de gramática seja efetuado de maneira metalinguística, o que prejudica o desenvolvimento do aluno para ser um conhecedor de sua própria linguagem, utilizando-a com eficiência nas diversas situações do cotidiano.

Palavras-chave: Gramática, Ensino, Metalinguagem, Português.

INTRODUÇÃO

Nunca esteve tão em pauta nas discussões a respeito do ensino de língua portuguesa a influência que a gramática tradicional exerce dentro dos ambientes escolares, nas aulas de português (MOTA, 2011). Tanto isso é verdade que basta ver as extensas e incansáveis publicações de linguistas e outros estudiosos de educação em língua materna nos mais diversos meios acadêmicos, o que comprova a importância desse tema em nosso cenário atual no tocante à educação em si e às perspectivas ligadas ao ensino futuro de língua portuguesa nas escolas.

A grande maioria dessas pesquisas comprova um fato que, no mínimo, é preocupante para quem vislumbra um ensino de português sem grandes problemáticas: apesar das teorias linguísticas terem surgido há mais de 30 anos no Brasil, das quais



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

surgiram as mais diversas opiniões e questionamentos a respeito do ensino de gramática nas escolas, as aulas de língua portuguesa ainda estão marcadas por um caráter prescritivo, ainda que hoje estejam disfarçadas por análises textuais superficiais. A escola, numa tentativa de seguir às orientações das mais modernas teorias científicas da Linguística, apenas inseriu o texto para fazer suas análises gramaticais, não abandonando, ainda, o teor metalinguístico das aulas de português.

Essa ideia é confirmada por Teixeira (2011), quando afirma que:

[...] em relação à gramática, permanecem algumas divergências. Alguns professores ainda defendem o seu ensino sistemático; outros, o abandono deste, principalmente nas séries iniciais; uns procuram dar-lhe uma perspectiva “textual”, mas acabam utilizando o texto apenas como “pretexto” para uma análise metalinguística. (TEIXEIRA, 2011, p. 164).

A partir dessa realidade, surgem diversos questionamentos que se sobressaem sobre o ensino de português. Em primeiro lugar, resta saber por que os professores, mesmo conhecedores das teorias linguísticas, ainda não transformaram suas práticas de ensino de língua materna. A resposta para este questionamento está condicionada à concepção do professor sobre o que é ensinar português, ao que é gramática e qual lugar ela ocupa (ou deve ocupar) nas aulas em sala.

Assim, este trabalho visa analisar a concepção de gramática tida atualmente pelo professor de língua portuguesa, gramática essa entendida aqui como “conjunto de regras a serem seguidas para falar e escrever corretamente” (ANTUNES, 2007). Entende-se que, tendo ciência da concepção do professor de português sobre o que é gramática e qual a sua importância em sala de aula, poder-se-á responder ao questionamento feito anteriormente sobre a permanência de práticas antiquadas no ensino de português, atividades essas que tanto prejudicam o desenvolvimento linguístico dos estudantes. Para se atingir o objetivo proposto neste trabalho, realizou-se uma entrevista em forma de questionário com 68 professores de português do município de Itapipoca, Ceará, com o intuito de investigar qual a concepção de gramática e de ensino de português dos docentes que hoje ocupam as salas de aula.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Assim, espera-se que este trabalho venha contribuir para ampliar a gama de reflexões a respeito da língua e seu ensino, pois se busca uma mudança de paradigma no ensino de língua materna. É comprovado que problemas no ensino de português existem, mas que as soluções para a minimização (e até mesmo erradicação!) desses problemas não estão tão distantes assim. O que se sabe ao certo é que o primeiro passo para a transformação no ensino de língua portuguesa deve começar pela própria postura do professor, em como ele concebe o objeto de ensino de sua disciplina e como, a partir da prática reflexiva, ele compreende os pressupostos da ciência linguística como instrumento de auxílio nos desafios em sala de aula. Afinal, é dever dos professores de português ver que o ensino de língua materna ultrapassa os limites gramaticais e que é somente através dele que teremos pessoas competentes linguisticamente, capazes de refletir e serem críticos de uma realidade que podem transformar.

METODOLOGIA

Segundo Gil (2010), toda pesquisa acadêmica requer em algum momento a realização de uma pesquisa bibliográfica, tendo em vista que ela tem como propósito “fornecer fundamentação teórica ao trabalho, bem como a identificação do estágio atual do conhecimento referente ao tema” (p. 30). Desse modo, quis-se realizar uma breve reflexão da literatura já publicada sobre o tema para se ter a “cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente” (ibidem). A partir das leituras realizadas na bibliografia pertinente sobre a temática, quis-se verificar a atual conjectura sobre o ensino de português na visão do professor de língua materna. Para isso, foi organizada uma pesquisa de campo, cujos resultados pudessem ser analisados na tentativa de comprovar as teorias e reflexões fundamentadas na bibliografia.

Com o principal objetivo de verificar qual a concepção do ensino de gramática hoje na opinião do professor de língua portuguesa, buscou-se também com essa pesquisa responder aos seguintes questionamentos: a) Que concepção de gramática



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

o professor de língua portuguesa tem hoje? b) Que importância tem o ensino gramatical para o professor? c) Qual conhecimento e opinião o professor possui a respeito das teorias linguísticas que vieram minimizar o valor do ensino de gramática na escola?

Assim, essa pesquisa, em forma de questionário, foi realizada com professores de língua portuguesa atuantes no ensino fundamental e médio de escolas públicas e particulares do município de Itapipoca, no Ceará, totalizando 68 (sessenta e oito) entrevistados. O questionário, composto por 15 (quinze) perguntas objetivas, todas de múltipla escolha, tinha como objetivo principal caracterizar o professor entrevistado com relação à sua prática em sala de aula. As primeiras questões identificavam as características pessoais e profissionais, e as seguintes perpassavam pela prática pedagógica diária do professor, com questionamentos sobre as metodologias utilizadas nas aulas de gramática, o uso do livro didático, as notas e, principalmente, as opiniões do professor sobre a gramática e seu ensino.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa foi realizada entre os meses de março e abril do corrente ano, época em que a grande maioria das escolas estavam movimentadas por conta das avaliações bimestrais. Durante esses dois meses, as entrevistas em forma de questionário foram feitas em seis momentos: os dois primeiros buscou-se entrevistar professores de escolas particulares, nos dois outros momentos buscou-se entrevistar professores atuantes no ensino médio, em escolas estaduais e, nos dois últimos momentos, buscou-se pesquisar professores da rede municipal, totalizando 11 (onze) escolas.

Durante as entrevistas, que eram feitas de modo bem objetivo, os professores interrompiam o questionário para tecerem comentários a respeito de sua prática, o que certamente foram levados em conta durante a reflexão sobre as respostas dadas. A partir das entrevistas realizadas, dois fatos ficaram bastante claros para este trabalho: a) todos os professores ensinam gramática para os seus alunos, embora cada um o faça do seu jeito e da forma como concebem esse objeto de conhecimento; e b)



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

existe a consciência por todos os entrevistados de que a forma como se ensina gramática hoje não é a mesma aprendida por eles durante a vida estudantil.

Dos professores entrevistados, 87% trabalham em escolas públicas municipais ou estaduais e os 13% restantes ministram suas aulas em escolas particulares. Desse total, 66% dos professores atuam no Ensino Fundamental, ao passo que 34% atuam no Ensino Médio. Com relação ao sexo, a grande maioria dos entrevistados são mulheres (84%) contra 16% de professores do sexo masculino. Com relação às idades dos participantes da entrevista, as mesmas variam bastante entre os professores. No entanto, foi coletado que 35% dos professores possuem mais de 40 anos de idade, 23% deles possuem entre 26 e 30 anos de idade, 18% possuem entre 31 e 35 anos de idade, ao passo que dos 24% restantes, metade possui entre 21 e 25 anos e a outra metade possui entre 36 e 40 anos de idade. É interessante perceber que a maioria dos profissionais entrevistados possui mais de 40 anos de idade e estão nas salas de aula do ensino fundamental nas escolas públicas municipais. Pouco se viu professores com essa idade nas escolas públicas estaduais ou particulares durante esta pesquisa.

Com relação à formação profissional dos professores entrevistados, verificou-se que 75% deles já possuem uma pós-graduação e 25% já são graduados ou estão cursando ainda o nível superior. Perguntados sobre a formação específica em língua portuguesa, 62% dos entrevistados afirmaram ser formados na área em que atuam, contra 38% do restante de profissionais, que afirmaram que são formados em outras áreas mais abrangentes, como Pedagogia. O que se pode observar com relação aos dados apresentados é que existe uma preocupação pela maioria dos professores entrevistados em estar chegando a um nível mais elevado, que permita que a profissão seja um pouco mais valorizada financeiramente. Porém, nenhum deles expressou desejo de prosseguir nos estudos através de cursos de mestrado ou doutorado.

Perguntados sobre o tempo de atuação na Educação, as respostas dadas à entrevista foram as mais diversas: a grande maioria dos professores possuem entre 6 e 10 anos de magistério; em segundo lugar, temos 26% dos professores que possuem menos de 5 anos na sala de aula, seguido de 20% entre 11 e 15 anos de profissão, 12%



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

entre 16 e 20 anos de carreira e 8% entre 20 e 25 anos em sala de aula. A partir da análise dos dados acima, um fato chama a atenção: comparando as idades dos entrevistados com o tempo de atuação, percebe-se que a grande maioria dos entrevistados está trabalhando na Educação há menos de 10 anos. Deduz-se, portanto, que a maioria dos professores com mais de 40 anos acabou de iniciar a carreira na Educação, embora que outros fatos que a este trabalho não cabe abarcar, possam explicar o motivo. Os 6% restantes dos entrevistados, por sua vez, o que corresponde a 4 (quatro) professores, em números absolutos, estão na profissão há mais de 25 anos.

Após a confirmação por parte de todos os professores que ensinam gramática para os seus alunos, perguntou-se como este profissional incluía o ensino de gramática em sala de aula. Para isso, foram dadas aos professores 4 (quatro) alternativas, estando eles livres para escolherem mais de uma, conforme seja na realidade a sua prática cotidiana. Os resultados obtidos podem ser expressos a partir do conjunto de gráficos abaixo:

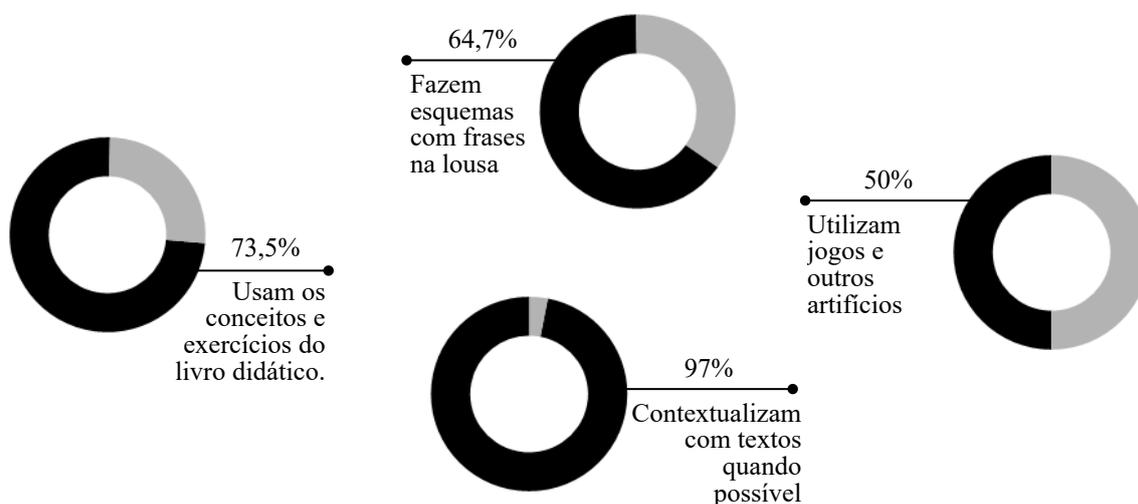


Gráfico 1 – Metodologia do professor para ensinar Gramática

Pelo que indica o conjunto de gráficos acima, os professores entrevistados afirmaram que suas aulas de gramáticas acontecem da seguinte forma: contextualizam o conteúdo com textos, vindo em seguida com a utilização do livro didático para explicar



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

o conteúdo, seguido de esquemas com frases na lousa e, por último, utilizam as atividades lúdicas como forma de propiciar o aprendizado dos conteúdos gramaticais.

O que parece ser curioso e que constitui um ponto importantíssimo para este trabalho é o fato de os professores intercalarem aulas contextualizadas através dos textos e aulas cujo conteúdo é ministrado na lousa, com frases soltas, da forma como o ensino era ministrado antigamente. Embora quase a totalidade dos professores reconheça que a gramática deve ser ensinada de modo contextualizado, ainda permanecem práticas tradicionais, a exemplo da segunda metodologia mais utilizada pelos professores, que, em números absolutos somaram 44 dos 68 entrevistados.

Esse, obviamente, é um ponto preocupante, uma vez que demonstra ainda a confusão pela qual passam os professores de língua portuguesa com relação ao ensino de gramática que, inundados pelas teorias linguísticas nos centros universitários e nas formações continuadas, resistem a abandonar as práticas educativas linguísticas com as quais foram educados, ainda que busquem alternativas para minimizar o ensino prescritivo dentro da sala de aula. O professor, portanto, é cômico de sua responsabilidade perante o ensino de língua materna através de textos e outros artifícios de modo contextualizado, mas por adversos fatores, a prática do ensino tradicional ainda persiste.

Em uma tentativa de relacionar a metodologia do professor com as atividades desenvolvidas em sala de aula, perguntou-se também aos entrevistados de que forma o professor inclui os exercícios de gramática em sala de aula. Os resultados podem ser delineados através do gráfico abaixo:

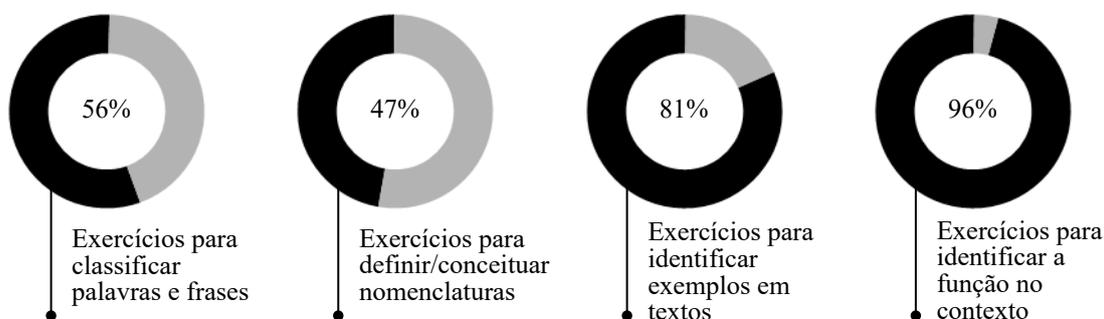


Gráfico 2 – Forma como são solicitados os exercícios de Gramática



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Os números acima trazem como prioridade na questão das atividades de gramática a aplicação de exercícios para que os alunos identifiquem a função de elementos linguísticos dentro do texto, conforme a situação — o que é bom para a Linguística —, e ao mesmo tempo exercícios para que o aluno identifique em textos exemplos de palavras ou frases que se encaixem na definição dada, que é, de certo modo, uma atividade prescritiva, uma vez que se quer do aluno o conhecimento da definição do termo e de exemplos nos quais o termo aparece. Os dois outros tipos de exercícios são essencialmente prescritivos, embora apareçam como as duas últimas atividades que os professores mais realizam em sala de aula. Desse modo, os números acima revelam e confirmam a conclusão feita acima sobre a confusão existente por parte dos professores de língua portuguesa por conta do ensino de português: reconhece-se a necessidade de se trabalhar com textos em sala de aula, mas as atividades prescritivas ainda permanecem com um número bastante significativo (56% equivale, em números absolutos, a 38 professores; e 47% equivale a 32 profissionais, que, juntos somam a mesma quantidade de entrevistados nesta pesquisa).

Perguntados sobre a utilização do livro didático em sala para ministrar aulas de gramática, os professores afirmaram que o utilizavam sempre (71% dos entrevistados, ao passo que apenas 29% afirmaram que o usavam somente às vezes). Os professores que afirmaram usar sempre explicaram que toda semana dedicavam duas aulas do horário escolar para ministrar aulas de gramática, até porque o próprio horário da escola já apresentava essa divisão. Os que responderam às vezes disseram que utilizavam o livro para as aulas de gramática quando viam que o livro apresentava uma boa explanação do conteúdo ou quando os exercícios eram de qualidade. Nenhum dos professores afirmou que nunca usava o livro ou que o usava raramente.

As perguntas realizadas a seguir tinham como objetivo verificar quais opiniões os professores tinham com relação à própria disciplina de gramática e no que ela refletia nas notas dos alunos. Assim, quando perguntados se possuíam dificuldades em compreender algumas regras gramaticais, 53% dos entrevistados afirmaram que



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

sentiam dificuldades em algumas regras, principalmente referente à parte da sintaxe das orações e dos períodos; os 47% restantes afirmaram que não possuíam, explicando que no nível que eles ensinavam não havia dúvidas com relação às regras gramaticais.

Em seguida, aos professores foi perguntado se eles consideravam a Gramática como uma disciplina difícil. Aqui, o grupo de professores mostrou-se dividido: 50% afirmaram que sim, por conta de algumas regras que não possuem lógica, além das exceções; e os outros 50% afirmaram que não, pois conheciam bem o objeto de conhecimento com o qual lidavam diariamente em sala de aula. Pela resposta dada, pode-se supor que, mesmo aqueles professores que acham a disciplina Gramática difícil, estes não escondem sua dificuldade em compreender algumas regras gramaticais e da necessidade que possuem para estar constantemente estudando para que o conteúdo possa ser ministrado para os alunos da melhor forma possível.

Perguntados sobre as notas dos alunos nas provas de língua portuguesa, notou-se certo receio por parte de alguns professores durante a resposta. O objetivo dessa pergunta era provocar uma reflexão por parte do professor sobre a relação que existe entre o ensino realizado no cotidiano escolar e a prática da avaliação desse ensino. Assim, com relação à nota das provas bimestrais de língua portuguesa dos alunos, 15% dos entrevistados afirmaram que as notas da maioria dos alunos são abaixo da média, ao passo que os outros 85% afirmaram que a grande maioria dos alunos consegue uma nota acima de média na própria avaliação, não necessitando de trabalhos complementares para que a nota seja aumentada.

Por fim, as duas últimas perguntas do questionário tinham como objetivo saber qual a visão que o professor possuía com relação à importância da gramática para o convívio em sociedade. Assim, perguntados se eles consideravam importante ensinar gramática, 96% dos professores afirmaram que sim, uma vez que é através dela que os alunos podem escrever e se comunicar melhor na vida em sociedade. Os outros 4% confidenciaram que mesmo se o indivíduo saiba gramática, isso não significa que ele terá sucesso profissional, fato esse que ficou comprovado a partir do próximo questionamento. Perguntou-se a todos os professores se saber gramática era requisito



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

fundamental para o sucesso profissional futuro e, mais uma vez, os professores defenderam seu ensino e sua importância: 88% dos professores afirmaram que é indispensável saber Gramática por conta dos processos seletivos que exigem o conhecimento gramatical, além, é claro, de que saber gramática, para estes professores, significa saber ler e escrever corretamente, o que obviamente favorecerá o aparecimento de oportunidades de crescimento profissional; porém, 12% dos professores inutilizam o ensino gramatical como forma de ascensão, o que demonstra a diversidade de opiniões de professores sobre a questão gramatical em sala de aula.

CONCLUSÃO

As considerações tecidas neste trabalho não pretenderam, de modo algum, abarcar ou finalizar todas as discussões a respeito do ensino de gramática nas escolas, e sim se buscou, em termos gerais, apresentar as reflexões já existentes dos mais variados estudos sobre a linguagem com relação ao conhecimento gramatical, tendo como ponto de vista uma análise pontual de práticas realizadas por professores selecionados em um local específico. Além disso, quis-se propor uma ampliação dos questionamentos sobre as relações entre a linguagem e o seu ensino a partir de diferentes inquietações.

A Gramática, entendida neste trabalho como um conjunto de regras, tornou-se, através dos tempos, um instrumento de controle social, poder esse que foi perpetuado pela escola, em cujas aulas de língua portuguesa predominavam a simples memorização das regras, numa falsa promessa de “aceitação social” para aqueles que a dominarem. O professor, por sua vez, tornava-se apenas um instrumento para a gestão da desigualdade social, uma vez que a linguagem também definia (e define) a condição de indivíduos social e culturalmente, em uma relação de poder sem fim em que o que possui “a boa linguagem” domina “os ignorantes”.

Desse modo, os estudos linguísticos a respeito da gramática e do seu ensino apontam, de fato, que é necessária uma mudança de postura. Embora as universidades e os documentos oficiais sobre o ensino de língua manifestem que o ensino de língua



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

portuguesa precisa mudar, os professores ainda não se sentem preparados para modificar uma rotina de aula de português com a qual estiveram acostumados desde a mais tenra idade escolar. Além disso, nota-se que muitas das ideias defendidas dentro dos campos universitários com relação à linguagem só permanecem como pura teoria, pois os professores, por conta de diversos fatores, não aplicam de todo modo as inovações trazidas pela Linguística Moderna há mais de 30 anos, o que põe em discussão a qualidade e eficiência da formação do profissional de língua materna.

Parece existir, portanto, seguindo o mesmo pensamento de Antunes (2003), Silveira e Xavier (2010) e Guedes (2006), uma “crise” no ensino de língua materna. Se não uma “crise”, existe uma confusão, um desnorтеio por parte do professor, a respeito do ensino de gramática na escola. Os professores demonstraram saber o que fazer e porque fazer, mas falta-lhes uma metodologia adequada que fuja da prática metalinguística. É necessária, sim, uma mudança de atitude, começando pela própria concepção do sistema de que utilizamos. Vê-lo como ideal mítico, capaz de transformar a vida dos indivíduos caso estes o dominem, não significa que serão capazes de serem bons usuários da língua. A prática reflexiva sobre e para a língua, por sua vez, tem-se mostrado como o norte para a diminuição dos problemas ligados ao ensino de língua materna, pois somente a partir da reflexão crítica sobre a linguagem é que poder-se-á ser um usuário efetivo da língua, em qualquer modalidade, nas mais diversas situações oferecidas pelo mundo moderno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

_____. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

GUEDES, Paulo Coimbra. **A formação do professor de português: que língua vamos ensinar?** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MOTA, Rafael. **A gramática no banco dos réus: uma análise das contradições morfológicas e sintáticas.** 2011. 21 f. Artigo (Graduação em Língua Portuguesa) – Instituto de Estudos e Pesquisas do Vale do Acaraú, Sobral, 2011.

SILVEIRA, Silnéia Maia Teles; XAVIER, Sônia Maia Teles. A face oculta do ensino de língua portuguesa: um estudo de caso. **Anais do XIV Congresso Nacional de Linguística e Filologia.** Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, tomo I, p. 125-145, ago. 2010. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_1/125-145.pdf>. Acesso em 25 de janeiro de 2015.

TEIXEIRA, Cláudia de Souza. Ensino de Gramática e Análise Linguística. **Revista Ecos.** São Paulo: ano 8, nº 11, 2011. Disponível em: <http://www.unemat.br/revistas/ecos/docs/v_11/163_Pag_Revista_Ecos_V-11_N-02_A-2011.pdf>. Acesso em 24 de janeiro de 2015.